

SANTOS, Selma Cristina dos. **Quando a morte pede passagem**: narrativas e silêncios em cuidados paliativos oncológicos domiciliares. Goiânia: Cegraf UFG, 2024.

Esmael Alves de Oliveira¹

¹Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil

Fruto de uma trajetória acadêmica comprometida com temas caros para a Antropologia da saúde, a obra *“Quando a morte pede passagem: narrativas e silêncios em cuidados paliativos oncológicos domiciliares”* é resultado da tese de doutorado defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. A autora, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás, mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília e doutora pela mesma instituição que acolheu sua formação inicial, seguiu como pós-doutoranda no mesmo programa, aprofundando investigações sobre os modos de cuidado, vida e finitude.

Seu percurso acadêmico dialoga diretamente com a experiência prática: atuante como voluntária e pesquisadora de cuidados paliativos na Associação de Combate ao Câncer de Goiás (ACCG), ela reúne sensibilidade etnográfica e engajamento ético em sua escrita. Tais elementos conferem à obra uma profundidade que ultrapassa a análise teórica, revelando-se como um campo de escuta, afeto e reflexão sobre os limites do viver e as possibilidades de bem morrer.

Construído a partir de um trabalho de campo extenso – que se estendeu por 25 meses, entre março de 2017 e março de 2019 –, o livro é um mergulho nas tramas da morte e do morrer no contexto dos cuidados paliativos oncológicos domiciliares. Com delicadeza e rigor, a autora se debruça sobre experiências e narrativas de pacientes, familiares e profissionais de saúde, desvelando não apenas os discursos formais sobre o cuidado, mas os silêncios, as hesitações e os afetos que atravessam a prática cotidiana de quem lida com a terminalidade da vida.

A obra se organiza em três partes e nove capítulos, além da conclusão. A primeira parte, *“Do objeto de estudo, do local da pesquisa, dos(as) pesquisados(as), do ser pesquisadora e do lugar da antropologia”*, abrange os quatro primeiros capítulos e traça o percurso metodológico e ético da pesquisa. A autora reflete sobre o fazer antropológico em contextos de sofrimento, expondo com honestidade as tensões entre implicação, distanciamento e cuidado.

A segunda parte, *“As representações sociais e o enfrentamento das situações de adoecimento, de dor, de sofrimento e de morte: sensações e sentimentos provenientes do lugar de margem”*, composta dos capítulos 5, 6 e 7, aprofunda a escuta dos sujeitos em situação liminar. Os relatos revelam como o adoecer e o morrer são vividos de forma singular, atravessados por desigualdades, acessos precários e construções socioculturais da finitude.

Recebido em: 14/06/2025

Aceito em: 18/07/2025



A terceira parte, *“Espera(nça) do/no tratamento paliativo: possibilidades de bem-viver que o morrer nos propicia”*, que reúne os capítulos 8 e 9, problematiza a ideia de morte como ausência. Em vez disso, são exploradas as dimensões éticas e poéticas da existência mesmo diante da terminalidade, apontando a esperança como reinvenção do cuidado, do tempo e dos vínculos.

O primeiro capítulo, *“Cuidados paliativos”*, resgata a tradição hipocrática do cuidado, mostrando que o alívio do sofrimento sempre foi central na prática médica. Traça um panorama histórico-institucional dos cuidados paliativos no mundo, na América Latina e no Brasil, com base em documentos oficiais. Finaliza com uma reflexão bioética sobre eutanásia, ortotanásia, distanásia, autanásia e mistanásia, esta última utilizada como lente crítica das desigualdades no morrer.

No segundo capítulo, *“Universo da pesquisa: GAPPO e as pessoas adoecidas”*, apresenta-se o campo empírico, centrado no Grupo de Apoio Paliativo ao Paciente Oncológico (GAPPO), vinculado à ACCG. A autora delinea o perfil dos atendidos no domicílio, revelando desafios cotidianos e o papel do GAPPO como espaço de vínculos e cuidado.

O terceiro capítulo, *“O lugar do aprendizado: cuidadora, voluntária, pesquisadora”*, aborda os papéis assumidos pela autora, refletindo sobre o lugar social das cuidadoras e os dilemas éticos de sua dupla atuação como voluntária e etnógrafa em contextos de vulnerabilidade.

No quarto capítulo, *“O estar no campo”*, a autora discute os desafios da etnografia em campos emocionalmente intensos e dinâmicos, como os cuidados paliativos. Compara dois contextos de pesquisa e reivindica uma etnografia ética, situada e sensível.

O quinto capítulo, *“O lugar de margem e seus desconfortos”*, utiliza os conceitos de representação social e técnicas corporais para analisar como o corpo adoecido e os cuidados paliativos são socialmente significados. A noção de margem ajuda a pensar o adoecimento como processo liminar e o hospital como espaço simbólico de rituais de despedida.

O sexto capítulo, *“Dor como parte do sofrimento”*, trata da dor em suas dimensões fisiológica, social e simbólica. A autora mostra como a dor é vivida, expressa e, por vezes, até ressignificada como sinal de resistência e pertencimento.

O sétimo capítulo, *“Sobre morte e morrer”*, dialoga com Philippe Ariès para refletir sobre as transformações históricas nas formas de encarar a morte. As narrativas revelam compreensões situadas, marcadas por classe, trajetória e contexto, e apontam para os silêncios como estratégias ambíguas de cuidado e negação.

No oitavo capítulo, *“O ambiente familiar e a vivência dos estágios no processo de elaboração do morrer”*, a autora retoma os cinco estágios propostos por Kübler-Ross para mostrar como pacientes e familiares vivenciam o processo de elaboração da morte. Destaca-se a importância do encaminhamento oportuno aos cuidados paliativos.

Por fim, o nono capítulo, *“Espera ou esperança: o que é possível fazer quando a morte é o caminho”*, reflete sobre os sentidos do tempo nos cuidados paliativos. A partir dos relatos, discute-se como “esperar” e “esperançar” se entrelaçam, revelando um cuidado que se reinventa diante das necessidades reais, como gesto ético, político e humano.

“Quando a morte pede passagem: narrativas e silêncios em cuidados paliativos oncológicos domiciliares” é uma contribuição notável para a antropologia da saúde, tanto pela densidade de sua etnografia quanto pela capacidade de explorar, com sensibilidade e rigor, os desafios e as possibilidades que o campo da saúde oferece ao olhar antropológico (Fleischer; Ferreira, 2014). A autora se coloca numa zona de tensão fecunda, na qual o saber acadêmico se

entrelaça com experiências de dor, vulnerabilidade e finitude, revelando camadas de sentido que frequentemente escapam às abordagens tradicionais das ciências da saúde (Bonet, 2018).

Ao se dedicar ao universo dos cuidados paliativos, a pesquisa estabelece uma interlocução rara entre teoria antropológica, escuta sensível e prática situada. Longe de tratar a antropologia da saúde como campo meramente aplicado, o trabalho afirma essa área como espaço de produção epistemológica e política, capaz de interrogar, em profundidade, as formas de viver, sofrer e cuidar que atravessam o cotidiano das pessoas (Bonet, 2014).

Do ponto de vista metodológico, a obra constitui um chamado a repensar a própria prática etnográfica diante de temas marcados pela dor e por experiências-limite. A autora recusa posturas de neutralidade ou distanciamento e propõe uma etnografia incorporada, que reconhece os afetos, os vínculos e os deslocamentos éticos provocados pela presença do/a pesquisador/a no campo. Em contextos como o dos cuidados paliativos, a escuta etnográfica ultrapassa a coleta de dados: torna-se gesto ético, implicando presença atenta, delicadeza e compromisso com os sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, o trabalho tensiona as fronteiras entre envolvimento e análise, entre rigor científico e sensibilidade ética. O que se evidencia é uma antropologia que se deixa afetar (Favret-Saada, 2005), que reconhece o corpo e as emoções como dimensões constitutivas da experiência de campo e que assume, com responsabilidade, os dilemas éticos inerentes a pesquisas com pessoas em situações de vulnerabilidade extrema (Víctora; Ruas-Neto, 2011).

Ao iluminar o cotidiano dos cuidados paliativos, a autora também contribui significativamente para um campo ainda pouco explorado pela antropologia no Brasil. Sua análise não apenas visibiliza práticas frequentemente marginalizadas no sistema de saúde, mas também reivindica o direito ao cuidado digno como um imperativo ético e político. A obra evidencia a urgência de políticas públicas que reconheçam os cuidados paliativos como parte integrante do SUS, assegurando que todas as pessoas – independentemente de condição social ou localização – tenham acesso a um acompanhamento humanizado no processo de morrer.

Essa defesa do cuidado ético se estende à formação de profissionais de saúde. A autora enfatiza a necessidade de uma formação que vá além da competência técnica, incorporando escuta, empatia e atenção à integralidade da pessoa. Os relatos etnográficos apresentados revelam o protagonismo de profissionais e voluntários que, em cenários liminares e adversos, constroem práticas de cuidado que resistem à lógica da aceleração e da desumanização. Trata-se de um cuidado que, mesmo diante da irreversibilidade da doença, oferece presença, sentido e respeito.

A leitura de *“Quando a morte pede passagem”* ressoa com as reflexões de Veena Das sobre sofrimento, silêncio e a teia da vida cotidiana. Em *“Life and Words”*, Das (2007) propõe compreender o sofrimento não como ruptura da normalidade, mas como algo que se entranha no ordinário da existência, reformulando a vida a partir da dor. Nesse horizonte teórico, a obra resenhada dialoga com profundidade, ao abordar a morte e o morrer não como interrupções da vida, mas como dimensões constitutivas da experiência humana – e, por isso, também do cuidado, da política e da memória.

Segundo Das (2007), cabe à antropologia aproximar-se do sofrimento sem reduzi-lo a categorias prontas ou representações simplificadoras. Ela propõe uma descida ao ordinário, um movimento ético de escuta cuidadosa, que reconhece os limites da linguagem e a legitimidade dos silêncios. Esse gesto está presente na obra, que se debruça sobre narrativas

entrecortadas por pausas, hesitações e lacunas – formas legítimas de expressão frente ao indizível. Assim, a autora nos convida a considerar que nem tudo precisa ou pode ser dito, mas ainda assim precisa ser acolhido.

As experiências etnográficas descritas revelam que, quando sustentado por cuidados paliativos, o processo de morrer pode se tornar espaço de reconstrução de vínculos, dignidade e afeto (Santos, 2026). Como sugere Das (2007), trata-se de habitar as ruínas, ou seja, sustentar sentidos mesmo diante da finitude. Os profissionais e voluntários observados pela autora operam como tecelões dessa continuidade: constroem presenças, oferecem reconhecimento e acompanham, com serenidade, o percurso dos que se aproximam da morte.

A postura da autora, implicada no campo como pesquisadora, voluntária e cuidadora, dá forma a uma etnografia que recusa o distanciamento analítico como única via legítima para a produção de conhecimento (Passamani, 2025). Essa abordagem, coerente com a antropologia da proximidade proposta por Das, reconhece que a produção de saber nasce do envolvimento ético com os sujeitos e suas histórias. Em campos marcados pelo sofrimento, como o dos cuidados paliativos, essa escuta atenta e afetada se torna não só relevante, mas indispensável.

A obra, assim, se inscreve com vigor nos debates contemporâneos da antropologia da saúde, especialmente ao defender a centralidade da escuta ética e da atenção à vulnerabilidade humana. Em um tempo de medicalização excessiva e desumanização das práticas de cuidado (Biehl, 2008), ela reafirma que o silêncio – tão presente nos contextos observados – não equivale à ausência de sentido. Ao contrário, é um modo de presença, de resistência e de elaboração.

Quando a morte pede passagem renova, portanto, a agenda teórica da antropologia da saúde ao afirmar que o cuidado com o outro é sempre um gesto político e ético. Reivindica o reconhecimento de vidas que escapam às estatísticas e aos protocolos, e insiste que morrer – como viver – exige companhia, escuta e dignidade. Como nos ensina Das (2007), não é necessário que o sofrimento seja espetacular para merecer atenção antropológica. Muitas vezes, ele se inscreve em gestos mínimos, em despedidas sussurradas, em vínculos silenciosos que sustentam o que resta da vida.

Por fim, a obra de Selma Santos convida a uma reflexão profunda sobre a morte e o morrer como dimensões legítimas da investigação antropológica. Ao articular narrativas, imagens e silêncios, a autora mostra que, quando acolhida com escuta e sensibilidade, a morte pode revelar o que há de mais essencial na vida: o desejo de ser reconhecido, cuidado e acompanhado até o fim. Com elegância teórica e escrita sensível, o livro se firma não apenas como referência nos estudos sobre saúde, morte e cuidado, mas como uma defesa vigorosa de uma antropologia comprometida com a dignidade humana – inclusive (e especialmente) quando a vida se aproxima do seu término.

Referências

BIEHL, João. Antropologia do devir: psicofármacos – abandono social – desejo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 413-449, 2008.

BONET, Otavio A. R. De restos e sofrimentos: sobre fazer etnografias em serviços de saúde. *In*: NEVES, Ednalva; LONGHI, Márcia; FRANCH, Mônica. (org.). **Antropologia da saúde: ensaios em políticas da vida e cidadania**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Ltda, 2018. p. 23-48.

BONET, Otavio A. R. Itinerários e malhas para pensar os itinerários de cuidado. A propósito de Tim Ingold. **Sociologia & Antropologia**, v. 4, p. 327-350, 2014.

DAS, Veena. **Life and Words: violence and the descent into the ordinary**. Berkeley, Los Angeles; London: University of California Press, 2007.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

FLEISCHER, Soraya; FERREIRA, Jaqueline (org.). **Etnografias em serviços de saúde**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

PASSAMANI, Guilherme R. O corpo e o sexo do antropólogo: reflexões sobre desejo, prazer e limites éticos na pesquisa etnográfica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 31, p. 1-30, 2025.

SANTOS, Solange Camilo dos. “**Ninguém fica pra semente**”: sentidos de vida e morte de pacientes cardiopatas e seus cuidadores. 2026. 98p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2025.

VÍCTORA, Ceres Gomes; RUAS NETO, Antonio Leite. “Querem matar os últimos Charruas”: sofrimento social e “luta” de indígenas que vivem nas cidades. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 22, p. 35-58, 2011.

Esmael Alves de Oliveira

Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), docente do curso de Psicologia e dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) e Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Endereço profissional: Faculdade de Ciências Humanas – FCH, Rodovia Dourados/Itahum, Km 12 – Unidade II, Caixa Postal: 364, Dourados-MS, CEP: 79804-970.

E-mail: esmaeloliveira@ufgd.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9235-5938>

Como referenciar esta resenha:

OLIVEIRA, Esmael Alves de Oliveira. Resenha da obra “Quando a morte pede passagem: narrativas e silêncios em cuidados paliativos oncológicos domiciliares”. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e107499, p. 184-188, setembro de 2025.